

**JOSÉ MARIA ALVES**

**O MOVIMENTO SURREALISTA DE LISBOA  
ALGUNS POEMAS**

[www.homeoesp.org](http://www.homeoesp.org)  
[www.josemariaalves.blogspot.com](http://www.josemariaalves.blogspot.com)

O Manifesto do Surrealismo de André Breton foi publicado no ano de 1924. O surrealismo é indubitavelmente um movimento "revolucionário" nas artes – *lembramos aqui o recurso ao automatismo psíquico com todas as suas consequências.*

Breton e Soupault, nomearam-no em homenagem ao poeta Guillaume Apollinaire.

Podemos dizer, que existiu em Portugal um verdadeiro movimento surrealista, movimento de vanguarda, conhecido como movimento surrealista de Lisboa (*Perfecto E. Quadrado, "A Única Real Tradição Viva, Antologia da Poesia Surrealista Portuguesa", Assírio & Alvim).*

Passou por algumas vicissitudes, como é aliás natural no desenvolvimento estrutural e conceptual de qualquer grupo que se organize doutrinalmente.

O Movimento terá dado os seus primeiros passos nas reuniões do Café *Herminius*, no ano de 1940. Reunia-se aí, um grupo de estudantes da Escola António Arroio: António Domingues, Cruzeiro Seixas, Fernando de Azevedo, Fernando José Francisco, José Leonel Rodrigues, Júlio Pomar, Mário Cesariny, Pedro Oom e Vespeira.

Em 1947, ter-se-á constituído, "apadrinhado" por Alexandre O'Neill, António Domingues, António Pedro, Azevedo, Cândido Costa Pinto – *que foi expulso do grupo* – , José-Augusto França, Mário Cesarin e Vespeira.

Cerca de um ano depois, Cesariny rompe com o grupo, agregando ao seu redor, nomes como o de António Maria Lisboa e Pedro Oom. Em 1951 é a vez de O'Neill. Contudo, a sua poesia nunca omitiu a sua influência.

O Manifesto do "Aviso a Tempo por Causa do Tempo", de António Maria Lisboa, exemplifica-nos a atitude dos surrealistas portugueses:

*Declara-se para que se saiba:*

*1.º - que não apoiamos qualquer partido, grupo, directriz política ou ideologia e que na sua frente apenas nos resta tomar conhecimento: algumas vezes achar bom outras achar mau. Quanto à nossa própria doutrina, os outros hão-de falar.*

*2.º - que não simpatizando com qualquer organização policial ou militar achamo-las no entanto fruto e elemento exacto e necessário da sociedade - com quem não simpatizamos igualmente.*

*3.º - que sendo nós indivíduos livres de compromissos políticos permaneceremos em qualquer local com o mesmo à-vontade. Seremos nós os melhores cofres fortes dos segredos do estado: ignoramo-los.*

*4.º - que sendo individualmente e portanto abjeccionalmente desligados das normas convencionais, temos o máximo regozijo em ver essas mesmas normas nos componentes da sociedade. Assim delas daremos por vezes testemunho e mesmo ensino.*

*5.º - que não somos assim contra a ordem, o trabalho, o progresso, a família, a pátria, o conhecimento estabelecido (religioso, filosófico, científico) mas que na e pela Liberdade, Amor e Conhecimento que lhes preside preferimos estes.*

*6.º - que a crítica é a forma da nossa permanência.*

*(...)*

*- António Maria Lisboa, Poesia, Assírio & Alvim.*

Em Abril do ano de 1950, finalizando o "Comunicado dos Surrealistas Portugueses", assinado por Artur do Cruzeiro Seixas, João Artur Silva e Mário Henriques Leiria, lê-se: "Para a pátria, a igreja e o estado a nossa última palavra será sempre: MERDA."

Mário Cesariny, diria que "o Homem só será livre quando tiver destruído toda e qualquer espécie de ditadura religioso-política ou político-religiosa e quando for universalmente capaz de existir sem limites. Então o Homem será o Poeta e a poesia será o Amor-Explosivo."

Numa entrevista, diz o mesmo Mário Cesariny: " (...) o surrealismo é o que existe de mais parecido com a poesia. Não se ensina, não é possível. Tudo o que é pedagógico é muito mau. Tudo o que nasce como revolta é um tormento. O surrealismo foi um convite á poesia, ao amor, à liberdade, à imaginação pessoal. (...) Aquilo a que se chamou o surrealismo existiu sempre."

***Março de 2010***

**JOSÉ MARIA ALVES**

## ALEXANDRE O´ NEILL

### APROVEITANDO UMA ABERTA

«Ó virgens que passais ao sol-poente»  
com esses filhos-família,  
pensai, primeiro, na mobília,  
que é mais prudente.

Sim, que essa qualidade,  
tão bem reconstituída,  
nem sempre, revirgens, há-de  
proporcionar-vos a vida

que levais  
Se um tolo nunca vem só,  
quando não vem, não vem mais  
ou vem, digamos por, por dó...

E o dó dói como um soco,  
até mesmo quando parte  
de um tolo que a vossa arte  
promoveu de tolo a louco.

Eu quando digo mobília,  
digo lar, digo família  
e aquela espiada fresta,  
aberta, patente, honesta,

retrato oval da virtude,  
consoladora do triste,

remanso, beatitude  
para o colérico em riste.

Assim, sim, virgens sensatas!  
(Nos telhados só as gatas...)  
Pensai antes na mobília,  
honestas mães de família,  
e aceitai respeitos mil  
do vosso  
Alexandre O'Neill!

## NO REINO DO PACHECO

Às duas por três nascemos,  
às duas por três morremos.  
E a vida? Não a vivemos.

Querer viver (deixai-nos rir!)  
seria muito exigir...  
Vida mental? Com certeza!  
Vida por detrás da testa  
será tudo o que nos resta?  
Uma ideia é uma ideia  
- e até parece nossa! -  
mas quem viu uma andorinha  
a puxar uma carroça?  
Se à ideia não se der  
o braço que ela pedir,  
a ideia, por melhor  
que ela seja ou queira ser,  
não será mais que bolor,  
pão abstracto ou mulher  
sem amor!

Às duas por três nascemos,  
às duas por três morremos.  
E a vida? Não a vivemos.

Neste Reino do Pacheco  
- do que era todo testa,  
do que já nada dizia,  
e só sorria, sorria,  
do que nunca disse nada  
a não ser prà galeria,  
que também não o ouvia,  
do que, por detrás da testa,

tinha a testa luzidia,  
neste reino do Pacheco,  
ó meus senhores que nos resta  
senão ir aos maus costumes,  
às redundâncias, bem-pensâncias,  
com alfinetes e lumes,  
fazer rebentar a besta,  
pô-las de pernas pró ar?

Por isso, aqui, acolá  
tudo pode acontecer,  
que as ideias saem fora  
da testa de cada qual  
para que a vida não seja  
só mentira, só mental...



DEIXA

A tua mãe o marfim crucificado  
ao teu pai o vício mais ronceiro  
e a quem quiser  
os lindos pentes da virtude

Frases célebres  
todas  
e não esqueças aquela  
que diz assim

PAIS  
que fazeis?  
OS VOSSOS FILHOS  
não são tostões  
GASTAI-OS DEPRESSA!

Deixa também a ilusão de que te amaram  
àquelas duas que ali não vês

Só no tempo em que os suicidas  
como os animais falavam  
valia a pena desiludir

Deixa ainda  
o que a álgebra mais secreta  
decidiu a teu favor

A sombra que projectaste  
talvez alguém a resolva  
num diamante cruel

## O POEMA POUCO ORIGINAL DO MEDO

O medo vai ter tudo  
pernas  
ambulâncias  
e o luxo blindado  
de alguns automóveis

Vai ter olhos onde ninguém os veja  
mãozinhas cautelosas  
enredos quase inocentes  
ouvidos não só nas paredes  
mas também no chão  
no tecto  
no murmúrio dos esgotos  
e talvez até (cautela!)  
ouvidos nos teus ouvidos

O medo vai ter tudo  
fantasmas na ópera  
sessões contínuas de espiritismo  
milagres  
cortejos  
frases corajosas  
meninas exemplares  
seguras casas de penhor  
maliciosas casas de passe  
conferências várias  
congressos muitos  
óptimos empregos  
poemas originais  
e poemas como este  
projectos altamente porcos  
heróis  
(o medo vai ter heróis!)

costureiras reais e irreais  
operários  
(assim assim)  
escriturários  
(muitos)  
intelectuais  
(o que se sabe)  
a tua voz talvez  
talvez a minha  
com certeza a deles

Vai ter capitais  
países  
suspeitas como toda a gente  
muitíssimos amigos  
beijos  
namorados esverdeados  
amantes silenciosos  
ardentes  
e angustiados

Ah o medo vai ter tudo  
tudo

(Penso no que o medo vai ter  
e tenho medo  
que é justamente  
o que o medo quer)

O medo vai ter tudo  
quase tudo  
e cada um por seu caminho  
havemos todos de chegar  
quase todos  
a ratos

Sim  
a ratos

## O LANTERNA VERMELHA

Que interessa mostrar que você está morta e, o que é  
melhor, sem seios,  
D. Adelaide Janeleira?  
Que Sua Besta voltou a meter as mãos dentro do prato  
ou que o Dr. Falaz está às moscas?  
Ou que há velhas ourinadas nas pastelarias  
ainda a fazerem cu-curru ao Brilhantinas?  
Que falta de tacto me pode permitir ainda  
falar dos três que – traição! – não estão lá  
onde estiveram uma eternidade?  
Que tropeção no gosto me leva a cair sempre em cima  
da cantora a que ninguém dá ouvidos  
(prouvera ao Velho fosse boa, mesmo que não  
cantasse...)  
Que ancestral timidez me faz beijobicar a ebúrnea  
manita de Moema  
quando o que valia a pena era trincá-la  
para que ao menos uma vez houvesse sangue  
naquela sala?  
Que têm os outros com certa pacotilha  
que transporto na m´alma  
Para quê aguitarrar a frustração?  
Para quê maxilar a agressão?  
Anda, vá, dá-me a tua opinião!

- Sento-me na geral, vejo-me no palco e não me tomo a sério.

- Se eu te tomasse a sério (estás a ouvir, Alexandre?)  
fazia-te perpassar nonchalamment pelos santuários,  
deixava que certas fêmeas te devorassem  
enquanto tu louvarias a Deus  
sem esses palavrões que são agora os teus,

ou (solução-solução) fazia de ti um grande e querido  
desgarrado,  
um que soubesse organizar passeios à Angústia, ao  
Remorso, ao Outro Lado,  
mas em tirar o rico sono aos mortos.  
Se eu te tomasse a sério carrilava-te,  
meu lanterna vermelha!

Que interessa a gloriola (simiesco nome)?  
Que interessa aparecer em Estocolmo a bordo de um  
poema  
que não chega sequer a Trás-os-Montes?  
Para quê negacear com os espelhos  
quando os espelhos se revêem em nós?  
Não acha o colega que a poesia não tem nada a ver com a  
pesquisa?  
(Pesquisas fazem-se em casa, já dizia a minha avó, que  
era escritora).  
Não acha o colega que estamos todos a exagerar  
no fabrico da faca em lâmina a que falta o cabo?  
Não lhe parece, caro colega, que a poesia deve ter por  
objectivo a verdade prática?  
«E o que é a verdade prática?» pergunta logo o colega  
para me codilhar.  
«E o que é o lume?» perguntou-me por gestos o meu  
filho.  
«É o que queima» disse-lhe eu através do gesto de o  
queimar com a ponta do cigarro.  
Será isto a verdade prática? Ajude-me, por favor, caro  
colega.  
A colega perdoe, mas se o seu marido não cumpre os  
deveres por assim dizer conjugais  
que tem a poesia com isso?  
Desabafe antes com uma amiga, ou se tiver coragem,  
com um amigo  
que pode muito bem ser este seu criado...  
Quando fizer strip-tease, simpática colega,  
não se esqueça de deixar-se no poema toda nua  
mas tirando só no fim as meias pretas, que os homens  
gostam mais ...

Se o colega tem na montra, tem,  
versos tão neo-bondadosos,  
o que não terá no armazém, hein?  
Pst! Colega! Não vai um tirinho,  
um tirinho nesse corpinho?  
Já sabemos, respeitabilíssima colega,  
que traz alguns anjos a voar  
no seu céu de papel,  
mas não se esqueça de os reabastecer  
com combustível terrestre volta e meia:  
ficarão mais parecidos...  
Colega (passe o termo...) a sua rosa  
já se desfardou?  
Mande antes vir, em vez de rosas mentirosas,  
9 tostões de pão e 3 de vinho,  
tudo muito bem desenhadinho...  
E agora, colegas, terminando  
esta fantasia a fogo brando  
onde nenhum pano cai,  
cantemos allegro para os críticos,  
lembrando o que está a ir,  
esquecendo o que já lá vai:

Se não fôssemos nós  
quem eram vocês?

Se não fossem vocês  
quem éramos nós?

Quem nos lê a nós?  
São vocês (e nós...)

Quem vos lê a vocês?  
Somos nós ( e vocês...)

Tudo fica, pois,  
entre nós, entre nós...

## CÃO

Cão passageiro, cão estrito,  
cão rasteiro cor de luva amarela,  
apara-lápis, fraldiqueiro,  
cão liquefeito, cão estafado,  
cão de gravata pendente,  
cão de orelhas engomadas,  
de remexido rabo ausente,  
cão ululante, cão coruscante,  
cão magro, tétrico, maldito,  
a desfazer-se num ganido,  
a refazer-se num latido,  
cão disparado: cão aqui,  
cão além, e sempre cão.

Cão marrado, preso por um fio de cheiro,  
cão a esburgar o osso  
essencial do dia-a-dia,  
cão estouvado de alegria,  
cão formal da poesia,  
cão-soneto de ão-ão bem martelado,  
cão moído de pancada  
e condoído do dono,  
cão: esfera do sono,  
cão de pura invenção, cão prefabricado,  
cão-espelho, cão-cinzeiro, cão-botija,  
cão de olhos que afligem,  
cão-problema...

Sai depressa, ó cão, deste poema!

## **ANTÓNIO DACOSTA**

### O TRABALHO DAS NOSSAS MÃOS

EU ERA NOVO E TU SIMULAVAS  
TARDES IMÓVEIS À PORTA DO NOSSO MEDO NAS MAIS  
DIFÍCEIS EM QUE TE  
OCUPAVAS COM GESTOS E UMA INVENCÍVEL ENTREGA  
TE  
FAZIA INVEJAR AS CHA-  
MINÉS E OS SEUS FUMOS.  
TU, O TEU SANGUE CREPUSCULAR, DISSOLVIA O MEU  
REMORSO DE TER NASCIDO E  
DISSOLVIA O PEZ QUE OS OUTROS COLAVAM AO NOSSO  
CORPO.  
O TEU GESTO DE MOLHAR A LUZ NA TUA PELE  
DISFARÇAVA  
COM CUIDADO QUAL-  
QUER ASA DE PECADO.  
O NOSSO RECEIO NÃO ERA JÁ DAS CINZAS QUE NOS  
APOU-  
CAM. A LIMPIDEZ DO CÉU,  
TRABALHO DAS NOSSAS MÃOS, ENTREABRIRA-TE OS  
LÁBIOS  
DOUTRA SEDE, PERMA-  
NENTE COMO A CHUVA.

EU ERA NOVO E TU SIMULAVAS OS MEUS DEDOS DESFO-  
LHANDO-SE.  
PORQUE O NOSSO PESO ERA DE SÍMBOLOS, DECIDISTE  
CRIAR OUTROS.



A DORMIR REFIZEMOS OS NOSSOS FRUTOS DE ALEGRIA  
E  
NUNCA NINGUÉM NOS IM-  
PORTUNOU COM TARJAS TRISTES À NOSSA PORTA. a  
VIVER  
REFIZEMOS AS COISAS E  
O SEU GUME, NA EVIDÊNCIA DO QUE EXISTE.  
DESPIAS SORRIDENTE, DESLUMBRADA, AQUELE QUÊ DE  
AUSENTE NA CARNE DAS  
ESTÁTUAS, E NADA QUE NÃO FOSSE EXACTO TURBAVA  
OS  
TEUS OLHOS. A TERRA  
ABRIA-SE PARA A CHUVA ENQUANTO A SEMENTE DO DIA  
ENTRAVA NO BICO DOS  
PÁSSAROS. HAVIA UM GESTO DE ELEVAÇÃO.

EU SIMULAVA VER UM BARCO INCENDIADO, UM MAR  
DE LIXÍVIA A ARDER E AS REN-  
DAS DA NOITE CREPITANDO. OUVES AINDA O RUMOR  
DAS  
ESTRELAS DE QUE, NOS  
DECLIVES, DEPENDIAM NOSSOS PASSOS? UM PEDESTAL  
DE  
ÓCIO SUSTINHA AS ES-  
TÁTUAS DO VALE, INERTES DE DESTERRO, TODAS DE  
ROSTO  
SEMELHANTE, EXISTIN-  
DO DE AUSÊNCIA ERGUIDA.  
NESSA HORA O LINHO QUE NOS COBRIA TINHA  
QUALQUER  
COISA DE FERROZ E RECLA-  
MAVA SANGUE.  
O BRANCO ENSINOU-NOS A ESPADA. A ESPADA A  
CORAGEM  
DE A SABER INÚTIL.  
UM DIA DISSESTE A FITAR OS OLHOS DE IMENSAS  
COISAS –  
QUE AO MENOS NOS  
SALVEMOS NÓS! – DÓI-ME O CORPO DE ESPERAR...

## **ANTÓNIO MARIA LISBOA**

### RECUSA

#### I

É muito possível durante os primeiros meses  
uma importante viagem à Ásia – essa  
é uma das consequências  
secretas  
em que não se tomaram quaisquer resoluções finais  
e ambas chegaram igualmente

#### II

ainda um cu marinho de agonia onde eu  
sou um copo de aguardente francesa e tu  
uma gaivota que passa rente ao barco que me leva

#### III

- Eu sou uma coisa qualquer  
Eu sou uma qualquer coisa  
sou uma qualquer coisa eu  
uma qualquer coisa eu sou  
qualquer coisa eu sou uma  
coisa eu sou uma qualquer

**EU NÃO SOU UMA COISA QUALQUER**

- eu sou uma cidade

- eu sou ZANONI de Bulwer Lyton
  - eu sou uma errata
  - onde está a minha vida deve-se ver a nossa vida
- (...)
- onde está Deus deve-se ver o Diabo
  - onde está o Amor deve estar o Grande Amor Mágico Amor Meu
  - onde estou Eu deves estar Tu
  - onde estão os lábios da nossa vida HÁ uma porta secreta minúscula

O-AMOR  
MEU AMOR

## POEMA A MÁRIO CESARINY

### *A Mário Cesariny*

Moveu-se o automóvel – mas não devia mover-se  
não devia!

Ontem à meia-noite três relógios distintos bateram:  
primeiro um, depois outro e outro:  
o eco do primeiro, o eco do segundo, eu sou o eco do  
terceiro

Eu sou a terceira meia-noite dos dias que começam

Pregões de varina sem peixe  
- peixe morreu ao sair da água  
e assim já não é peixe

Assim como eu que vivo uma VIDA EXTREMA.

## POEMA H

Sei que dez anos nos separam de pedras  
e raízes nos ouvidos

e ver-te, ó menina do quarto vermelho,  
era ver a tua bondade, o teu olhar terno  
de Borboleta no Infinito

e toda essa sucessão de pontos vermelhos no espaço  
em que tu eras uma estrela que caiu  
e incendiou a terra

lá longe numa fonte cheia de fogos-fátuos.

## POEMA Z

As formas, as sombras, a luz que descobre a noite  
e um pequeno pássaro

e depois longo tempo eu te perdi de vista  
meus braços são dois espaços enormes  
os meus olhos são duas garrafas de vento

e depois eu te conheço de novo numa rua isolada  
minhas pernas são duas árvores floridas  
os meus dedos uma plantação de sargaços

a tua figura era ao que me lembro  
da cor do jardim.

## PROJECTO DE SUCESSÃO

Continuar aos saltos até ultrapassar a Lua  
continuar deitado até se destruir a cama  
permanecer de pé até a polícia vir  
permanecer sentado até que o pai morra

Arrancar os cabelos e não morrer numa rua solitária  
amar continuamente a posição vertical  
e continuamente fazer ângulos rectos

Gritar da janela até que a vizinha ponha as mamas de  
fora  
pôr-se nu em casa até a escultora dar o sexo  
fazer gestos no café até espantar a clientela  
pregar sustos nas esquinas até que uma velhinha caia  
contar histórias obscenas uma noite em família  
narrar um crime perfeito a um adolescente loiro  
beber um copo de leite e misturar-lhe nitroglicerina  
deixar fumar um cigarro só até meio  
Abrirem-se as covas e esquecerem-se os dias  
beber-se por um copo do ouro e sonharem-se Índias.

## **ANTÓNIO PEDRO**

### PROTOPOEMA DA SERRA D'ARGA

Sonhei ou bem alguém me contou  
Que um dia  
Em San Lourenço da Montaria  
Uma rã pediu a Deus para ser grande como um boi  
A rã foi  
Deus é que rebentou

E ficaram pedras e pedras nos montes à conta da  
fábula  
Ficou aquele ar de coisa sossegada nas ruínas sensíveis  
Ficou o desejo que se pega de deixar os dedos pelas  
arestas das fragas  
Ficou a respiração ligeira do alívio do peso de cima  
Ficou um admirável vazio azul para crescerem  
castanheiros  
E ficou a capela como um inútil côncavo de virgem  
Para dançar à roda o estapassado e o vira  
Na volta do San João d'Arga

Não sei se é bem assim em San Lourenço da Montaria  
Sei que isto é mesmo assim em San Lourenço da  
Montaria  
O resto não tem importância  
O resto é que tem importância em San Lourenço da  
Montaria  
O resto é a Deolinda  
A Deolinda dança a goita é leve  
E feia a Deolinda



Dança os amores que não teve  
Tem o fôlego do hálito alheio que lhe faltou a amolecer  
a carne  
Seca como a da penedia

O resto é o verde que sangra nos beijos grossos de  
apetecerem ortigas  
O resto são os machos as fêmeas e paisagem é claro  
Como não podia deixar de ser  
As raízes das árvores à procura de merda na terra  
ressequida  
Os bichos à procura dos bichos para fazerem mais  
bichos  
Ou para comerem outros bichos  
Os tira-olhos as moscas as ovelhas de não pintar  
E o milho nos intervalos

Todas estas informações são muito mais poema do que  
parecem  
Porque a poesia não está naquilo que se diz  
Mas naquilo que fica depois de se dizer  
Ora a poesia da Serra d'Arga não tem nada com as  
palavras  
Nem com os montes nem com o lirismo fácil  
De toda a poesia que por lá há

A poesia da Serra d'Arga está no desejo de poesia  
Que fica depois da gente lá ter ido  
Ver dançar a Deolinda  
Depois da gente lá ter caçado rãs no rio  
Depois da gente ter sacudido as varejeiras dos  
mendigos  
Que também foram à romaria

As varejeiras põem as larvas nos buracos da pele dos  
mendigos  
E da fermentação  
Nascem odores azedos padre-nossos e membros  
mutilados

É assim na Serra d'Arga

Quando canta a Deolinda  
E vem gente de longe só para a ouvir cantar

Nesses dias  
As larvas vêem-se menos  
Pois o trabalho que têm é andar por debaixo das peles  
A prepararem-se para voar

Quanto aos mendigos é diferente  
A sua maneira de aparecer  
Uns nascem já mendigos com aleijões e com as rezas  
sabidas  
Do ventre mendigo materno  
Outros é quando chupam o seio sujo das mães  
Que apanham aquela voz rouca e as feridas  
Outros então é em consequência das moscas e das  
chagas  
Que vão à mendicidade

Não mo contou a Deolinda  
Que só conta de amores  
E só dança de cores  
E só fala de flores  
A Deolinda

Mas sabe-se na serra que há uma tribo especial de  
mendigos  
Que para os criar bem  
Lhes põem desde pequenos os pés na lama dos paus  
Regando-os com o esterco dos outros

Enquanto ali estão a criar as membranas que valem a  
pena  
Vão os mais velhos ensinando-lhes as orações do  
agradecimento  
Eles aprendem  
Ao saberem tudo  
Nasce de propósito um enxame de moscas para cada  
um

Todas as moscas que há no Minho

Se geraram nos mendigos ou para eles  
E é por isso que têm as patinhas frias e peganhosas  
Quando pousam em nós  
E é por isso que aquele zumbido de vaivém  
Das moscas da Serra d'Arga  
Ainda lembra a mastigação de lamúrias pelas alminhas  
do Purgatório  
Em San Lourenço da Montaria

Este poema não tem nada que ver com os outros  
poemas  
Nem eu quero tirara conclusões como os poetas nos  
artigos de fundo  
Nem eu quero dizer que sofri muito ou gozei  
Ou simplesmente achei uma maçada  
Ou sim mas não talvez quem dera  
Viva Deus-Nosso-Senhor

Este poema é como as moscas e a Deolinda  
De San Lourenço da Montaria  
E nem sequer lá foi escrito

Foi escrito conscienciosamente na minha secretária  
Antes de eu o passar à máquina  
Etc., que não tenho tempo para mais explicações

É que eu estava a falar dos mendigos e das moscas  
E não disse  
Contagiado pelo ar fino de San Lourenço da Montaria  
Que tudo é assim em todos os dias do ano  
Mas aos sábados e nos dias de romaria  
Os mendigos e as moscas deles repartem-se melhor  
São sempre mais  
E creio de propósito  
Ser na sexta-feira à noite  
Que as mendigas parem aquela quantidade de  
mendigozinhos  
Com que se apresentam sempre no dia da caridade

Elas parem-nos pelo corpo todo  
Pois a carne

De tão amolecida pelos vermes  
Não tem exigências especiais  
E porque assim acontece  
Todos os meninos nascidos deste modo têm aquele ar  
de coisa mole  
Que nunca foi apertada

Os mendigos fazem parte de todas as paisagens  
verdadeiras  
Em San Lourenço da Montaria  
Além deles há a bosta dos bois  
Os padres  
O ar que é lindo  
Os pássaros que comem as formigas  
Algumas casas às vezes  
Os homens e as mulheres

Por isso tudo ali parece ter sido feito de propósito  
Exactamente de propósito  
Exactamente para estar ali  
E é por isso que se tiram as fotografias  
Por isso tudo ali é naturalmente  
Duma grande crueldade natural  
Os meninos apertam os olhos das trutas  
Que vêm da água do rio  
Para elas estrebucharem com as dores e mostrarem  
que ainda estão vivas  
Os homens beliscam o cu das mulheres para que elas  
se doam  
E percebam assim que lhes agradam  
Os animais comem-se uns aos outros  
As pessoas comem muito devagar os animais e o pão  
E as árvores essas  
Sorvem monstruosamente pelas raízes tudo o que  
podem apanhar

Assim acaba este poema da Serra d'Arga  
Onde ontem vim rachar uma árvore e me deu um certo  
gozo aquilo  
Parecia a queda dum regímen  
Tudo muito assim mesmo lá em cima

E cá em baixo dois suados à machadada

Ao cair o barulho parecia o duma coisa muito dolorosa

Mas no buraco do sítio da árvore

Na mata de pinheiral

O azul do céu emoldurado ainda era mais bonito

Em San Lourenço da Montaria

## **ARTUR DO CRUZEIRO SEIXAS**

As mãos escrevem nas pálpebras  
a palavra astro  
neste fim de tarde solitário.  
A morte é a mais lúbrica das criaturas  
e vem e vai  
e pendura nas paredes  
mil e uma fórmulas secretas  
em que são iguais as quantidades de realidade  
e do que a ela se opõe.  
O vento está visivelmente cansado  
arranhou-se num espinheiro  
e corre-lhe pelo peito quente  
um fio de sangue.  
Qualquer coisa como música

advém do seu silêncio  
e o olhar é uma ponte nitidíssima  
entre duas realidades que não há.

Eu vi-o ouvi-o  
a juntar todo o azul  
antes de termos a idade de países muito antigos  
ao luar.

Um doido pendurado de uma árvore  
é um tipo que nunca aprenderá.

Mas eram esses que me mantinham a par de tudo  
e não serei eu a acusar a neve  
de adormecer sobre nós.

Coisas como as madrugadas  
ou a fortaleza invadida pelo tempo  
ou a mão cercada por todos os garfos desta cidade  
olhadas pelos gatos como simples máscaras  
nunca passaram incógnitas  
por esta infinita galeria de espelhos.



Desesperadas bategas  
encharcam os caminhos  
já alagados de lágrimas.

Sobre o mar  
abstracto  
os espelhos  
reiventam o silêncio.

Do sal  
fizeram as serras azuis  
dançando de roda  
esta luz amarela  
o cão  
e a corda que o prende.

Um olhar furtivo  
por certo sabiamente encaixotado  
procura-te por toda a parte  
e é África que responde por ti  
lá do ponto mais perigoso do labirinto  
onde nem o Minotauro vem  
aquecer com o seu bafo  
o teu tiritar convulsivo.

São as tuas pernas que falam  
a tua mão os cabelos  
o silêncio desferido contra o Nada.  
Tudo o que narra o Apocalipse  
os que vêm de longe erguer ainda mais uma vez  
a arruinda torre sobre o vulcão activo do nosso desejo  
em forma de harpa  
na outra margem tangida.

Nas extensas praias da foz  
cada bago de areia era uma palavra  
a que não sabíamos responder.

## **CARLOS EURICO DA COSTA**

Na cidade de Palaguin  
o dinheiro corrente era olhos de crianças.  
Em todas as ruas havia um bordel  
e uma multidão de prostitutas  
frequentava aos grupos casas de chá.  
havia dramas e histórias de era uma vez  
havia hospitais repletos:  
o pus escorria da porta para as valetas.  
Havia janelas nunca abertas  
e prisões descomunais sem portas.  
havia gente de bem a vagabundear  
com a barba crescida.  
Havia cães enormes e famélicos  
a devorar mortos insepultos e voantes.  
Havia três agências funerárias  
em todos os locais de turismo da cidade.  
Havia gente a beber sofregamente  
a água dos esgotos e das poças.  
Havia um corpo de bombeiros  
que lançava nas chamas gasolina.

Na cidade de Palaguin  
havia crianças sem braços e desnudas  
brincando em parques de pântanos e abismos.  
Havia ardinhas a anunciar  
a falência do jornal que vendiam;  
havia cinemas: o preço de entrada  
era o sexo dum adolescente  
(as mães cortavam o sexo dos filhos

para verem cinema).  
Havia um trust bem organizado  
para a exploração do homossexualismo.  
Havia leiteiros que ao alvorecer  
distribuíam sangue quente ao domicílio.  
havia pobres a aceitar como esmola  
sacos de ouro de trezentos e dois quilos.  
E havia ricos pelos passeios  
implorando misericórdia e chicotadas.

Na cidade de Palaguin  
havia bêbados emborcando ácidos  
retorcendo-se em espasmos na valeta.  
havia gatos sedentos  
a sugar leite nos seios das virgens.  
Havia uma banda de música  
que dava concertos com metralhadoras;  
havia velhas suicidas  
que se lançavam das paredes para o meio da multidão.  
Havia balneários públicos  
com duches de vitríolo – quente e frio  
- a população banhava-se frequentes vezes.

Na cidade de Palaguin  
havia Havia HAVIA...

Três vezes nove um milhão.

## FERNANDO ALVES DOS SANTOS

### DOIS POEMAS DA TRANQUILIDADE

#### I

Deve haver uma maneira tranquila  
uma tranquilidade  
uma certeza.  
Deve haver uma febre  
uma febre que seja, quando menos,  
que nos dê olhos para ler tudo.  
Depois dizem que há uma salvação...

Da minha infância  
não guardo agora senão o chão que piso  
e esse não chega.  
Talvez a minha face  
o meu vulto  
a sombra  
possam servir de algo.  
Mas não.

Assim sem alegria  
arrefecido, antigo  
como posso comover-me  
arder exausto  
ou beijar o ar  
o ar simplesmente  
enleado!

## II

Porque não posso senão trazer esta humildade  
como posso dar-me ou pedir-me  
se me pedem e me dão  
dizendo fazê-lo por uma esperança.  
Mas eu vejo  
o que a morte me tem sido para que veja  
e não respondo ao que imagino  
porque sei que só posso desejar o que desejo.

## ODE

Levantar um homem dum túmulo desprezado;  
deixá-lo à minha imagem  
tocar no ventre das estátuas  
justificando para sempre a queda mitológica das cidades.  
Procurar coisa tão pouca  
como a minha invenção deserta e ágil  
num cigarro de acaso a própria manhã  
que entre os dedos levo à minha boca.  
Deixar que doa uma gota do meu sangue  
e correr  
correr  
até que os pulsos me rebentem;  
tiritar de silêncio  
ter raízes que ultrapassem os regaços das mães  
fazer de novo a morte no seio das montanhas abertas  
e beijar na própria epiderme  
a nossa lucidez amatória de universo.

## **FERNANDO LEMOS**

Não há tempo  
há horas  
Não há um relógio  
há  
hábitos que  
me habitam

O poema dói  
o ponteiro corta  
a hora queima  
a morte simula

respira  
para não me distrair



De quantas facas se faz o amor  
de quantas pedras se faz o vício  
de quantos homens se faz o medo  
de quantas noites se faz a morte  
de quantas vidas se faz uma criança  
de quantas ternuras se faz o tédio  
de quantas horas  
será feita a esperança que guardo  
com sons de corpo arrastado  
de quantas grutas será feita  
esta humilde nas veias  
que me acordam  
de quantos poros será feito o mistério  
de quantos gritos será feita uma religião  
de quantos ossos será feita  
a maldade  
de quantos crimes será feita  
esta lua que mal começou  
e já me deixou no hábito de apurar  
os sentidos

## **HENRIQUE RISQUES PEREIRA**

### UM GATO PARTIU À AVENTURA (EXCERTO)

(...)

Livre um gato desliza pela goteira escura da cidade,  
livre uma pequena ilha nasce no ponto ignorado do  
Oceano,  
livres as ondas escorregam na superfície marinha,  
livres os pássaros e os cavalos na noite da lua  
encantada,  
livre eu chamo-te dos cumes das serras,  
livres as ondas os cavalos e os pássaros;

(...)

O gato parte à aventura pelos telhados, pelos vales e  
pelos Sonhos.

## **MARCELINO VESPEIRA**

### MANEQUIM VISADO

Ter fomes polidas  
de desejos vadios  
e mapas sensatos  
de aventuras falidas

E ter um sorriso morno  
de manequim visado...

## HOJE

O dia não foi meu  
e tantos outros que o não são  
erro no calendário  
ou voluntária distração

E os dias que foram meus  
gestos de outros são  
que se dão a quem os quer  
nos dias que o não são

E da pressa de os perder  
do cansaço de os contar  
ganho vícios da noite  
que me sabem perdurar

Rir com riso  
rir sem riso  
riso do riso  
rir de tudo  
riso do nada  
rir por todos  
riso de medo  
rir sem medo  
rir ainda com medo  
riso de perder o medo  
rir para ter medo  
riso do medo de rir  
riso sem o medo do riso  
rir do riso com medo  
riso do rir de medo  
rir e morrer  
riso de morte  
morte do riso

## MÁRIO HENRIQUE LEIRIA

o amor não somos nós que o temos  
é-nos dado  
muito antes de termos nascido  
talvez verdadeiro autêntico  
como o encontro do mar e da luz

depois muito depois  
quando os teus braços os teus seios  
chegaram até mim  
já estavam perdidos  
já não existiam  
o meu rosto deformado atroz  
já não te podia olhar  
mas os meus olhos esses sim  
ainda te viam como antes  
como tu eras quando não existias  
só os meus olhos  
só os meus olhos  
as mãos essas sem dedos  
esfoladas esfaceladas  
de tanto esperar  
nunca te encontraram  
e na grande planície do medo  
ficavas tu que não existias  
o meu corpo belo perdido  
sem rosto muito pálido  
partiu então  
entre a nuvem e a sombra

maravilha de verdade  
mas perdido na praia do sonho  
embalado nas algas  
com muitos animais marinhos no sexo  
com um rasto de luas  
que sempre sempre  
o acompanharão

apenas duas gotas de sangue  
pequenas rutilantes

os meus olhos meus olhos  
sempre os meus olhos

## ORIGEM DOS SONHOS ESQUECIDOS

Entre a bicicleta e a laranja  
vai a distância de uma camisa branca

Entre o pássaro e a bandeira  
vai a distância de um relógio solar

Entre a janela e o canto do lobo  
vai a distância dum lago desesperado

Entre mim e a bola de bilhar  
vai a distância dum sexo fulgurante

Qualquer pedaço de floresta ou tempestade  
pode ser a distância  
entre os teus braços fechados em si mesmos  
e a noite encontrada para além do grito das panteras



Qualquer grito de pantera  
pode ser a distância  
entre os teus passos  
e o caminho em que eles se desfazem lentamente

Qualquer caminho  
pode ser a distância  
entre tu e eu

Qualquer distância  
entre tu e eu  
é a única e magnífica existência  
do nosso amor que se devora sorrindo

## **MÁRIO CESARINY**

### YOU ARE WELCOME TO ELSINORE

Entre nós e as palavras há metal fundente  
entre nós e as palavras há hélices que andam  
e podem dar-nos morte violar-nos tirar  
do mais fundo de nós o mais útil segredo  
entre nós e as palavras há perfis ardentes  
espaços cheios de gente de costas  
altas flores venenosas portas por abrir  
e escadas e ponteiros e crianças sentadas  
à espera do seu tempo e do seu precipício

Ao longo da muralha que habitamos  
há palavras de vida há palavras de morte  
há palavras imensas, que esperam por nós

e outras, frágeis, que deixaram de esperar  
há palavras acesas como barcos  
e há palavras homens, palavras que guardam  
o seu segredo e a sua posição

Entre nós e as palavras, surdamente,  
as mãos e as paredes de Elsenor

E há palavras e nocturnas palavras gemidos  
palavras que nos sobem ilegíveis à boca  
palavras diamantes palavras nunca escritas  
palavras impossíveis de escrever  
por não termos connosco cordas de violinos  
nem todo o sangue do mundo nem todo o amplexo do ar  
muito além do azul onde oxidados morrem  
palavras maternais só sombra só soluço  
só espasmos só amor só solidão desfeita

Entre nós e as palavras, os emparedados  
e entre nós e as palavras, o nosso dever de falar

hoje, dia de todos os demónios  
irei ao cemitério onde repousa Sá-Carneiro  
a gente às vezes esquece a dor dos outros  
o trabalho dos outros o coval  
dos outros

ora este foi dos tais a quem não deram passaporte  
de forma que embarcou clandestino  
não tinha política tinha física  
mas nem assim o passaram  
e quando a coisa estava a ir a mais  
tzzt... uma poção de estricnina  
deu-lhe a moleza foi dormir

preferiu umas dores parece que no lado esquerdo da alma  
uns disparates com as pernas na hora apaziguadora.  
herói à sua maneira recusou-se  
a beber o pátrio mijo  
deu a mão ao Antero, foi-se, e pronto,  
desembarcou como tinha embarcado

Sem Jeito Para o Negócio

## EXERCÍCIO ESPIRITUAL

É preciso dizer rosa em vez de dizer ideia  
é preciso dizer azul em vez de dizer pantera  
é preciso dizer febre em vez de dizer inocência  
é preciso dizer o mundo em vez de dizer um homem

É preciso dizer candelabro em vez de dizer arcano  
é preciso dizer Para Sempre em vez de dizer Agora  
é preciso dizer O Dia em vez de dizer Um Ano  
é preciso dizer Maria em vez de dizer aurora

## DE PROFUNDIS AMAMUS

Ontem  
às onze  
fumaste  
um cigarro  
encontrei-te  
sentado  
ficámos para perder  
todos os teus eléctricos  
os meus  
estavam perdidos  
por natureza própria

Andámos  
dez quilómetros  
a pé  
ninguém nos viu passar  
excepto  
claro  
os porteiros  
é da natureza das coisas  
ser-se visto  
pelos porteiros

Olha  
como só tu sabes olhar  
a rua os costumes  
O Público  
o vinco das tuas calças  
está cheio de frio  
e há quatro mil pessoas interessadas  
nisso

Não faz mal abracem-me

os teus olhos  
de extremo a extremo azuis  
vai ser assim durante muito tempo  
decorrerão muitos séculos antes de nós  
mas não te importes  
não te importes  
muito  
nós só temos a ver  
com o presente  
perfeito  
corsários de olhos de gato intransponível  
maravilhados maravilhosos únicos  
nem pretérito nem futuro tem  
o estranho verbo nosso

## POEMA

Em todas as ruas te encontro  
em todas as ruas te perco  
conheço tão bem o teu corpo  
sonhei tanto a tua figura  
que é de olhos fechados que eu ando  
a limitar a tua altura  
e bebo a água e sorvo o ar  
que te atravessou a cintura  
tanto tão perto tão real  
que o meu corpo se transfigura  
e toca o seu próprio elemento  
num corpo que já não é seu  
num rio que desapareceu  
onde um braço teu me procura

Em todas as ruas te encontro  
em todas as ruas te perco



eu em 1951 apanhando (discretamente) uma beata  
(valiosa)  
num café da baixa por ser incapaz coitados deles  
de escrever os meus versos sem realizar de facto  
neles, e à volta sua, a minha própria unidade  
- fumar, quere-se dizer

esta, que não é brilhante, é que ninguém esperava  
ver num livro de versos. Pois é verdade. Denota  
a minha essencial falta de higiene (não de tabaco)  
e uma ausência de escrúpulo (não de dinheiro) notável

o Armando, que escreve à minha frente  
o seu dele poema, fuma também.  
fumamos como perdidos escrevemos perdidamente  
e nenhuma posição no mundo (me parece) é mais alta  
mais espantosa e violenta incompatível e reconfortável  
do que esta de nada dar pelo tabaco dos outros  
(excepto coisas como vergonha, naturalmente,  
e mortalhas)

(que se saiba) é esta a primeira vez  
que um poeta escreve tão baixo (ao nível das piriscas dos  
outros)  
aqui, e em parte mais nenhuma, é que cintila o tal  
condicionalismo  
de que há tanto se fala e se dispõe  
discretamente (como quem as apanha)  
sirva tudo de lição aos presentes e futuros  
nas taménidas (várias) da poesia local.  
Antes andar por aí relativamente farto  
antes para tabaco que para cesariny  
(mário) de vasconcelos

## O PRESTIDIGITADOR ORGANIZA UM ESPECTÁCULO

Há um piano carregado de músicas e um banco  
há uma voz baixa, agradável, ao telefone  
há retalhos de um roxo muito vivo, bocados de fitas de  
todas as cores  
há pedaços de neve de cristas agudas semelhantes às das  
cristas de água, no mar  
há uma cabeça de mulher coroada com o ouro torrencial  
da sua magnífica beleza  
há o céu muito escuro  
há os dois lutadores morenos e impacientes  
há novos poetas sábios químicos físicos tirando os  
guardanapos do pão branco do espaço  
há a armada que dança para o imperador detido de pés e  
mãos no seu palácio  
há a minha alegria incomensurável  
há o tufão que além disso matou treze pessoas em Kiu-  
Siu  
há funcionários de rosto severo e a fazer perguntas em  
francês  
há a morte dos outros ó minha vida  
  
há um sol esplendente nas coisas

## **PEDRO OOM**

### POEMA

Tua boca  
é um dia estreito  
cheio de moscas

De noite  
tem a cor azul-verde  
dum veneno  
como o mar.

## ACTUAÇÃO ESCRITA

Pode-se escrever

Pode-se escrever sem ortografia

Pode-se escrever sem sintaxe

Pode-se escrever sem português

Pode-se escrever numa língua sem se saber essa língua

Pode-se escrever sem saber escrever

Pode-se pegar na caneta sem haver escrita

Pode-se pegar na escrita sem haver caneta

Pode-se pegar na caneta sem haver caneta

Pode-se escrever sem caneta

Pode-se sem caneta escrever caneta

Pode-se sem escrever escrever plume

Pode-se escrever sem escrever

Pode-se escrever sem sabermos nada

Pode-se escrever nada sem sabermos

Pode-se escrever sabermos sem nada

Pode-se escrever nada

Pode-se escrever com nada

Pode-se escrever sem nada

Pode-se não escrever

## AS VIRTUDES DIALOGAIS

Dentro  
de mim  
há uma planta  
que cresce  
alegremente  
que diz  
bom dia  
quando nos amamos  
ao entardecer  
e boa noite  
quando florimos  
à alvorada  
uma árvore  
que não está com o tempo  
este tempo  
a que chamamos  
nosso.

## IDADE SEM RAZÃO

Os animais  
cuja vivência  
são as visitas  
que todos temos feito  
a girafa  
ou o crocodilo  
bastam  
para romper  
a fascinação  
idade cartesiana  
tanto do direito  
como  
do avesso

**JOSÉ MARIA ALVES**  
[www.homeoesp.org](http://www.homeoesp.org)  
[www.josemariaalves.blogspot.com](http://www.josemariaalves.blogspot.com)